

# Anseio de Qualidade *Caucaçu*

**M**ESMO que não tenha chegado a 20 milhões, conforme o cálculo inicial, o número dos que participaram direta ou indiretamente dos debates do **Dia D da Educação**, o fato em si merece um registro especial. É importante que as escolas tenham parado um dia para se olhar no espelho. Que brasileiros das mais diversas categorias tenham aproveitado a oportunidade para dizer francamente o que pensam da situação educacional.

Em manifestação de tal amplitude, seria inevitável que muitas tolices fossem ditas. Mas isso em geral ficou por conta dos **teóricos** da educação, cujas intervenções pela televisão e o rádio, em boa parte dos casos, deixaram a penosa impressão de sempre: a do empostamento vazio, a da arrogância maldisfarçada, a do distanciamento da realidade.

Melhor, portanto, ficar atento ao que disse o povo. Mais proveitoso inventariar as suas queixas e sugestões, filtrá-las e reduzi-las ao essencial.

À primeira vista, o quadro levantado parece por demais heterogêneo. E nem poderia ser de outra forma, dadas as dimensões do país, os níveis de desenvolvimento das suas várias regiões, a diversificação das aspirações dos que habitam grandes metrópoles ou pequeninas e distantes comunidades rurais. Não há nada a admirar, portanto, que no Nordeste subalimentado tantos participantes hajam enfatizado o tema pedestre da merenda escolar.

Bem observadas as coisas, porém, dá para perceber que por trás da linguagem das críticas e propostas feitas de norte a sul esconde-se uma fundamental exigência: a de qualidade. A população sente que a escola brasileira como um todo chegou a um baixo nível sem precedentes. E como é fundamentalmente através do professor que se mede a qualificação da escola, foi ele o objeto preferido das discussões.

Para aquelas centenas de milhares de professores

que, em condições as mais adversas, mantêm a escola primária nas pequenas cidades, nas vilas e nos povoados do remoto interior, o povo pediu justiça, apoio, um mínimo de cuidados com a sua formação. Os filhos do clientelismo político, ao contrário, foram alvos de indignadas denúncias. Numa longínqua cidade da Amazônia, ouviu-se esta frase, certamente repetida em muitos outros lugares: "Os professores batem o ponto e vão embora". Numa capital nordestina os alunos de uma Faculdade expuseram os nomes dos mestres que jamais dão aula.

Foi generalizada, também, ao que se sabe, a reivindicação do aperfeiçoamento e extensão do ensino técnico, com o encerramento da comédia do "ensino profissionalizante" no segundo grau. E, sintomaticamente, no Rio Grande do Sul foram os alunos de um tradicional colégio público que pediram a inclusão da filosofia no currículo, como forma de reforçar o conteúdo humanista de sua educação.

Em resumo, pode-se dizer que o debate do dia 18 expôs a plena luz o fosso cada dia mais profundo entre a escola e a sociedade brasileira. E ilude-se quem imagina que para fechar essa vala bastará entupi-la com os 13% da emenda Calmon. A questão é menos de verbas do que de consciência e disposição para qualificar de alto a baixo o ensino.

Chegou a hora de os teóricos da educação empreenderem a descida dos seus nevados cumes pedagógicos. De os técnicos se libertarem de sua visão centralizadora e dos seus vícios burocráticos. E de o professorado de alto nível mudar o **lead** do seu discurso reivindicatório, a fim de harmonizá-lo com os anseios da sociedade, sob pena de muito em breve se verem falando apenas para si mesmos. Qualidade é a palavra-chave de qualquer reflexão ou ação séria que hoje se empreenda no campo da educação nacional.